

# Translatio

Revista do Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva  
número 1 -novembro de 1998

# Translatio

Revista do Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva  
Número 1 - Novembro de 1998

## Conselho Editorial

Edwin Gentzler  
Else Vieira  
Haroldo de Campos  
Heloísa Gonçalves Barbosa  
Ignácio Neiss  
John Milton  
Lúcia Rebello  
Lya Luft  
Maria da Graça Krieger  
Rosemary Arrojo  
Tânia Franco Carvalhal

Translatio/Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva. IL/UFRGS. Vol. 1, (nov. 1998)-  
Porto Alegre: NET, 1998 -

---v.

Anual

1. Estudos de Tradução. 2. Literatura Comparada. 3. Estudos Culturais.

CDD 418.02

## RETRATO VIVO DE PUSHKIN

Testemunhos diretos dos seus contemporâneos de Vikenti Veressaev

Vikenti Veressaev  
Tanira Castro

Aleksandre Pushkin nasceu em Moscou em 26 de maio (segundo o calendário da igreja Ortodoxa - ou em 6 de junho (pelo atual) de 1799. Nachokin disse que Pushkin escreveu os seus primeiros versos em francês ainda aos oito anos (foi o poema *La Toliade*, acrescenta S.A. Sobolevski).<sup>2</sup>

Aleksandre Pushkin, 13 anos. Os seus dotes naturais são mais brilhantes do que basilares, a sua inteligência parece ser mais afervorada e sutil do que profunda. A sua aplicação aos estudos não satisfaz porque o zelo ainda não é uma das suas virtudes... A sua cultura geral carece de bases sólidas, embora o jovem esteja a acostumar-se às reflexões profundas. O amor-próprio combinado com as ambições tornam-no às vezes, tímido; sensibilidade, acessos de irascibilidade, frivolidade e uma particular loquacidade graciosa - eis alguns dos seus apanágios. Além disso, sentimos nele a probidade: ao consciencializar as suas fraquezas, aceita os conselhos, seguindo-os esmeradamente. A eloquência e graciosidade ganham novos matizes à medida que se operam alterações positivas na sua mentalidade; porém, o seu caráter permanece instável.<sup>3</sup>

Galitch foi o professor que me incentivou a seguir o meu caminho. obrigou-me a escrever para o exame de 1814 o poema Recordações sobre Tsarskoe Selo.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> Extraído de *Contos sobre Pushkin*, de P.I. BARTENEV

<sup>3</sup> Palavras de M.S. PILETSKI, inspetor do liceu.

<sup>4</sup> Extraído do *Diário* de PUSHKIN, 17 de março de 1834.

Pushkin recitava o poema com um entusiasmo extraordinário. Ao ouvir esses versos já conhecidos, eu sentia arrepios. Quando o patriarca dos nossos bardos (G. Derjavin), encantado, com os olhos em lágrimas, correu a abraçar o jovem poeta e abençoar a sua cabeça ornada de cabelos encaracolados, nós todos, como petrificados por um feitiço, guardamos um silêncio venerado. Depois, quando quisemos abraçar o nosso poeta, ele já não estava mais: sumiu.<sup>5</sup>

Pushkin participa diariamente em duelos... Graças a Deus não tem desfecho mortal, os duelistas ficam sempre ilesos.<sup>6</sup>

Os seus amigos afirmam em uníssono que, à exceção dos dois primeiros anos da sua vida, ninguém se dedicou tanto à autodidaxia como Pushkin.<sup>7</sup>

O poeta Rodzianko afiançou-me que vira Pushkin no teatro, sentado numa poltrona a mostrar aos circunstantes o retrato de Louvelle, o assassino do duque de Berry, com a seguinte inscrição do poeta: “uma lição para os czares”.<sup>8</sup>

“O mestre destronado faz reverência ao aluno vitorioso neste dia solene em que ele concluiu o poema *Ruslan e Liudmila*, 26 de março de 1820, Sexta-feira Santa.”<sup>9</sup>

Numa bela manhã o chefe da polícia convidou Pushkin a comparecer à presença do conde Miloradovitch - governador militar de Petersburgo. Quando Pushkin foi conduzido ao gabinete de Miloradovitch, este ordenou que o chefe da polícia fosse ao apartamento de Pushkin e selasse todos os seus papéis. Pushkin, ao ouvir a ordem, disse ao conde: “Excelência, não vale a pena. Não encontrará lá aquilo que pretende. Em vez

---

<sup>5</sup> Extraído da *Memórias* de I.I. PUCHIN

<sup>6</sup> Palavras de E.A. KARAMZINA (esposa do historiador Karamzin) ao príncipe P.A. VLAZEMSKI, 23 de março de 1820.

<sup>7</sup> Palavras de P.V. ANNENKOV. *Papéis do arquivo*.

<sup>8</sup> Palavras de A.I. MIKHAILOVSKI-DANIELEVSKI. *Memórias*.

<sup>9</sup> Palavras de V.A. JUKOVSKI “Inscrição no seu retrato que ofereceu a Pushkin”.

disso, ordene que me dêem papel e caneta. Poderei escrever tudo aqui mesmo.”Miloradovitch, comovido pela sinceridade insólita, apertou-lhe cerimoniosamente a mão. Pushkin sentou-se e lançou para o papel todos os seus versos “clandestinos”.<sup>10</sup>

Era já noite quando Tchaadaev se inteirou casualmente da iminência de um castigo severo para Pushkin. Partiu logo a galope para casa de N.M. Karamzin deixando-o embasbacado com a sua chegada àquela hora. Obrigou o historiador a interromper o seu trabalho e convenceu-o a não perder tempo e interceder pelo poeta junto do imperador Alexandre.<sup>11</sup>

A sorte de Pushkin está decidida. Amanhã será enviado como correio a Inzov e ficará às suas ordens. Está mais calma e até mais modesto... evita-me publicamente.<sup>12</sup>

Pushkin foi perdoado, autorizaram-no a ir para a Crimeia. Intercedi por ele, alegando o seu talento e juventude. Talvez se torne mais ponderado; pelo menos prometeu-me que assim será durante os dois próximos anos.<sup>13</sup>

Em 1820, Pushkin viveu durante 18 dias em Ekaterinoslav até à chegada do general Raevski que, com a sua família, esteve de passagem em Ekaterinoslav a pedido do seu filho que estava ansioso por ver o seu amigo Pushkin... Quando Raevski e o seu filho entraram no quarto, encontraram o poeta deitado num banco de madeira. Estava doente... Ao vê-los, os seus olhos encheram-se de lágrimas. Raevski diligenciou a fim de lhe concederem licença e a 4 ou 5 de julho Pushkin foi com eles para o Cáucaso...<sup>14</sup>

---

<sup>10</sup> Palavras de I.I. PUCHIN. *Memórias*.

<sup>11</sup> Extraído de *Recordações sobre Tchaadaev*, de D.N. SVERBEEV.

<sup>12</sup> Palavras de A.I. TURGUENEV ao príncipe P. A. VIAZEMSKI, 5 de maio de 1820.

<sup>13</sup> Palavras de N.M. KARAMZIN a I.I. DMITRIEV, 7 de junho de 1820.

<sup>14</sup> Publicado em *Decano da nobreza*. NOVOE VREMIA (Novos Tempos).

A equitação era o passatempo predileto de Pushkin; dias houve em que não descia do cavalo... Um dia, Pushkin viu um rosto feminino encantador à janela, esporeou o cavalo e quase que se enfiou pelo terraço adentro. A moça, assustada, caiu desmaiada e os seus pais apresentaram uma queixa a Inzov. O poeta foi castigado: tiraram-lhe as botas por dois dias. Depois Pushkin voltou a aparecer nessa zona da cidade, trajando roupas mais extravagantes. Ora fazia-se de turco: calças muito largas, sandálias, ostentando um fez enfiado na cabeça e de cachimdo entre os dentes, ora aparecia disfarçado de grego, judeu, cigano, etc.... Passeava pela cidade em dias de romaria e quando via os moldavos a dançar e a cantar em roda, adería à algazarra sem se importar com os observadores que acorriam propositadamente para “ver Pushkin”.<sup>15</sup>

Uma vez Pushkin desapareceu e não dormiu em casa várias noites. Esses dias o poeta passou-os num acampamento de ciganos.<sup>16</sup>

Este anel de ouro com uma cornalina octogonal pertenceu a A.S. Pushkin. Nele está consignado em hebreu: “Simkha, filho de venerado rabi José (o velho José canonizado), bendita seja a sua memória”. Uma nota anexa redigida por Ivan Turguenev fala-nos da história desse anel: “O anel foi oferecido a Pushkin em Odessa pela princesa Vorontsova. Pushkin trazia sempre o anel consigo (o poema *Talismã* foi inspirado nele) e ofereceu-o na hora da sua morte ao poeta Jukovski.”<sup>17</sup>

...A propósito, quero reiterar o meu pedido: livrem-me de Pushkin, talvez seja de fato um homem excelente e bom poeta, mas não gostaria de o ver mais em Odessa ou Kichinev.<sup>18</sup>

(11 de janeiro de 1825. O futuro dezembrista I.I. Puchin, amigo do liceu de Pushkin, partiu de madrugada de Ostrov para casa de Pushkin, levando consigo três garrafas de

---

<sup>15</sup> Testemunho dos MORADORES DE KICHINEV.

<sup>16</sup> Testemunho do irmão do poeta, L.S. PUSHKIN

<sup>17</sup> Descrição do museu de Pushkin do Liceu Imperial Alexandrino.

<sup>18</sup> Conde M.S. VORONTSOV ao conde K.V. NESSELRODE, 2 de maio de 1824, em Kichinev.

champanhe). Afastámo-nos da estrada e subimos uma picada montanhosa que atravessava a floresta. Não tínhamos forças para frear o galope dos cavalos, estancamos o trenó longe da casa e ficamos enterrados na neve do pátio. Olho em redor e deparo com Pushkin, descalço só com uma camisa e protegê-lo da nudez, de braços erguidos. Salto do trenó, agarro o poeta e arrasto-o para a casa. No pátio faz um frio terrível, mas há momentos da vida em que o homem é invulnerável às constipações. Olhamo-nos, abraçamo-nos em silêncio. Ele esqueceu-se que estava seminu, eu não pensei no casaco e gorro gelados. Eram umas oito horas da manhã. Uma velhota correu em nossa direção, encontrou-nos tal e qual como entráramos em casa: um quase nú, o outro coberto de neve. Finalmente começamos a atinar. Sentimo-nos envergonhados diante dessa mulher, no entanto ela foi compreensiva. Não sei por quem ela me tomou, mas, sem mais nem porque, abraçou-me. Adivinhei tratar-se da famosa ama e quase que a sufoquei nos meus abraços... Farejei um lugar onde pudesse me lavar e mudar de roupa. A porta de acesso aos aposentos interiores estava fechada, a casa não estava aquecida. O impasse foi ultrapassado por meio de perguntas breves: o quê? como? onde?, etc. Muitas das perguntas não esperavam resposta. Finalmente, acomodamo-nos, serviram-nos café, sentamo-nos à mesa de cachimbos nos dentes. A conversa ganhou mais nexos. O próprio Pushkin não sabia o verdadeiro motivo do seu afastamento para a aldeia; ele explicou esse exílio como consequência das intrigas do ciumento conde Vorontsov, acrescentou que entre outras razões podiam figurar certas declarações demasiadamente audazes, epigramas sobre os chefes e alguns dos seus ditos sobre a religião. Pelas suas respostas bastante lacônicas e secas fiquei com a impressão de que ele não queria abordar esse tema... Parecia que o poeta estava aborrecido com a sua vida tumultuosa e cheia de peripécias, nas quais ele se perdia frequentemente. Disse-me que, nesses últimos quatro meses, já se habituara à sua nova forma de existência, inicialmente um pouco penosa: bem, aqui, embora involuntariamente, ele descansava do alarido e agitação de outrora; as suas relações com a musa eram favoráveis, o poeta trabalhava com vontade e afinco.

... Entretanto, já passava da meia-noite. Petiscávamos, abrimos a terceira garrafa de champanhe à despedida. Abraçamo-nos fortemente. O cocheiro já atrelara os cavalos, tilintava a campainha, eram três horas da madrugada. Brindamos mais uma vez,

estávamos tristes como se bebessemos juntos pela última vez na vida. Vesti silenciosamente o meu pesado casaco de peles e corri para o trenó. Pushkin gritou algo, mas o trenó já se afastava; eu olhava e de balde tentei ouvir o que ele dizia; estava à porta de casa com uma vela na mão. Os cavalos, na descida, apressaram a sua marcha. Ouviu-se o grito: “Adeus, amigo!” Os portões da datcha rangeram atrás de mim...<sup>19</sup>

Estou muito só; vivo como um lorpa, deixo-me ficar prostado longas horas na cama ouvindo velhos contos e cantares. Não me apetece compor versos. Acho que já te informei de que o meu poema *Os Ciganos* é medíocre, mas menti-te: vais gostar muito.<sup>20</sup>

A tragédia (*Boris Godunov*) está pronta, reli-a em voz alta, sozinho aplaudia e gritava: “Que formidável é este Pushkin, filho da mãe!”<sup>21</sup>

Não poderia Jukovski averiguar se posso ou não contar com o indulto imperial? Já se passaram seis anos desde que caí em desgraça, mas vejom só: tenho apenas 26 anos. Em 1824, o imperador falecido desterrou-me da aldeia por ter redigido apenas duas linhas profanas; não fiz mais tropelias. Será que o nosso novo czar não se dignaria mandar-me para um lugar mais quente, já que jamais me autorizariam a aparecer em Petersburgo, hein? Perdoa-me, amigo, estou tão aborrecido, não posso mais.<sup>22</sup>

Não estás a salvo de culpas, isso é verdade. Mas nos papéis de cada um dos conspiradores (dezembristas) foram encontrados os teus versos. É o pior método para travar amizade com o Governo... Não peças licença para voltar a Petersburgo. Ainda não chegou hora adequada. Escreve *Boris Godunov* e coisas desse estilo: isto poderá abrir-te as portas da liberdade.<sup>23</sup>

---

<sup>19</sup> Extraído de *Memórias* de I.I.PUCHIN.

<sup>20</sup> PUSHKIN ao príncipe P.A. VIAZEMSKI, 25 de janeiro de 1825, Mikhailovskoe.

<sup>21</sup> PUSHKIN ao príncipe P.A. VIAZEMSKI, outubro de 1825.

<sup>22</sup> Palavras de PUSHKIN a P.A. PLETNIOV, janeiro de 1826.

<sup>23</sup> V.A. JUKOVSKI a PUSHKIN, 12 de abril de 1826.



...Aliás, é evidente que o comportamento atual de Pushkin é muito mais cuidadoso do que outrora; ele é tão tagarela ao ponto de se caluniar a si próprio, não será de supor que tenha intenções antigovernamentais concretas; é tão linguarudo que nenhuma quadrilha malfeitora o aceitaria entre os seus membros; finalmente, é uma pessoa que quer distinguir-se pelas suas esquisitices, mas incapaz de uma atuação friamente calculada... Pushkin é um bondoso senhor que estimula com dinheiro os serviços prestado até dos seus próprios servos. Trata-os com simplicidade e não faz mal a ninguém; não mantém contatos com ninguém e leva uma vida bastante solitária. A informação sobre ele só pode ser obtida dos seus servos que estão muito contentes com o seu senhor...<sup>24</sup>

Assunto Secreto. Ao Sr. Governador Civil de Pskov. Segundo a ordem de sua Majestade, o Imperador, que tinha deferido o pedido de Aleksandre Pushkin, peço a Vossa Excelência que autorize o Sr. Pushkin, funcionário da décima classe que se encontra na província confiada aos seus cuidados, a viajar com o correio militar por mim mandado especialmente. O Sr. Pushkin pode viajar no seu coche livremente, devendo ser escoltado apenas pelo meu correio; logo que chegue a Moscou, deve apresentar-se no gabinete do general de serviço do Estado-Maior general de sua Alteza Imperial.<sup>25</sup>

Enlamado, fui conduzido ao gabinete do imperador que, vendo-me, exclamou: “Viva Pushkin! Estás contente com o teu regresso?”. Respondi como mandam as normas de conveniência. O imperador falou longamente, depois perguntou: “Diz-me, Pushkin, se estivesses em Petersburgo em 14 de dezembro, terias participado no motim?” - “Sem dúvida, majestade, todos os meus amigos estavam envolvidos na conspiração, e eu não poderia proceder de outro modo. Salvou-me a minha ausência, abençoado seja Deus!”. - “Basta de travessuras!” - replicou o imperador. “Espero que agora a tua conduta seja mais ponderada e não haja mais problemas. Vais enviar-me tudo o que escreveres: de hoje em diante eu serei o teu censor.”<sup>26</sup>

---

<sup>24</sup> Relato de A.K. BOCHNIAK, agente secreto, num relatório ao general, conde VITT.

<sup>25</sup> Barão I.I. DIBITCH (chefe do EMG).

<sup>26</sup> PUSHKIN, referenciado por A.G. KHOMUTOVA.

Pushkin chegou a Moscou no coche escoltado por um correio militar e foi diretamente ao palácio. Nessa mesma noite, no baile organizado pelo marechal Marmont, embaixador do rei francês, o czar chamou a sua presença Bludov e disse-lhe: “Sabes que hoje falei muito tempo com o homem mais inteligente da Rússia?” Ao ver a perplexidade interrogadora de Bludov, Nicolau Pavlovitch disse-lhe que se tratava de Pushkin.<sup>27</sup>

Era engraçado a reação dos presentes quando Pushkin aparecia em sociedade... Quando ele apareceu pela primeira vez no teatro, o público não olhava para o palco, mas para o seu poeta preferido.<sup>28</sup>

Durante a sua estadia em Moscou Pushkin contou aos seus amigos como, em São Petersburgo, uma alemã de nome Kirsch, que lia o futuro nas borras do café, lhe augurou que seria exilado duas vezes; em Odessa, um adivinho grego confirmou-lhe as palavras da alemã. Numa noite de luar, ele levou Pushkin para o campo, perguntou a data e a hora de seu nascimento e, depois de ler uma fórmula mágica, disse-lhe que o poeta morreria por culpa de um cavalo ou de um homem de cabelo branco. Pushkin lamentava não lhe ter perguntado se devia recear um homem loiro ou encanecido...<sup>29</sup>

O próprio poeta recitou a tragédia *Boris Godunov*, em 12 de outubro de 1826, a tarde. Pushkin chegou ao meio-dia a casa dos Venevitinov em Moscou). É indescritível a sensação gerada no auditório pela leitura da obra.... As primeiras cenas foram ouvidas em silêncio ou, melhor dizendo, num ambiente de perplexidade. Depois a admiração dos presentes passou dos limites. A cena de Grigori com o cronista deixou-nos a todos atônitos... Quando Pushkin iniciou a narração sobre Pimen e a visita de Ivam, o Terrível, ao Mosteiro de Cirilo, a oração dos monges “que o Senhor tenha piedade da sua alma que sofre em tormentos”, todos nós ficamos boquiabertos. O sangue subia-nos à cabeça,

---

<sup>27</sup> P.I. BARTENEV. *Russki Arkhiv* (Arquivo Russo).

<sup>28</sup> N.A. POLEVOI

<sup>29</sup> V.F. CHERBAKOV. Estadia de Pushkin em Moscou.

os versos faziam arrepiar os cabelos. Ninguém podia conter-se: uns saltavam do assento, outros gritavam. O silêncio intercalava-se com explosões de exclamações. O mesmo aconteceu durante a leitura do monólogo do impostor: “A sombra do Terrível perfilhou-me.” A leitura terminou. Olhávamos demoradamente uns para os outros, depois atiramos-nos ao poeta. Abraços, burburinho geral, risos, lágrimas, felicitações... Tragam as taças! Nas mesas apareceu champanhe e Pushkin animou-se, ao ver o efeito da sua poesia no seio da juventude. As nossas emoções foram-lhe gratas. Para agudizar ainda mais os ânimos começou a recitar os cantares sobre Stepan Razin que de noite atravessa o Volga no seu barco, o prefácio do poema *Ruslan e Liudmila*: “À beira-mar existe um carvalho verde...” A seguir relatou o plano do impostor Dmitri, falou do carrasco que brinca com a plebe enquanto espera por Chuiski junto do cadafalso da Praça Vermelha, lembrou-se da cena de Marina Mniszek com o impostor, cena essa que ele tinha composto durante um passeio a cavalo e depois se esqueceu dela, o que lamentou. Que dia tão extraordinário aquele! Ficou gravado na minha memória para todo o sempre. Já não me lembro do resto daquele dia. Só sei que poucos de nós conseguiram adormecer - tão abalado ficou o nosso espírito.<sup>30</sup>

Estou outra vez na aldeia... Que prazer poético é regressar livremente à prisão abandonada. Sabes que eu não sou demasiadamente sentimental, mas o encontro com a minha criadagem... e a minha ama, juro por Deus, é mais confortante para a minha alma do que a glória, os prazeres do amor-próprio, a distração, etc. A minha ama é mesmo fantástica. Imagina-a aos 70 anos decorando uma oração destinada a enternecer o coração do Senhor e a abonançar o seu espírito Omnipotente, oração essa composta provavelmente nos tempos do reinado de Ivan... Estarei de volta no primeiro dia do próximo mês... é a ordem dela! Caro amigo, fiquei com uma impressão desagradável de Moscou, mas sempre é melhor ver-nos pessoalmente do que limitar-me a manter correspondência.<sup>31</sup>

---

<sup>30</sup> M.P. POGODIN. *Russki Arkhiv* (Arquivo Russo).

<sup>31</sup> PUSHKIN ao príncipe P.A. VIAZEMSKI, Mikhailovskoe, 9 de novembro de 1826.

Desde o inverno de 1828-1829, Pushkin ficou impressionado com a beleza de N.N. Gontcharova. O poeta, segundo as suas próprias palavras, começou a pensar no casamento, querendo acabar com a vida de um homem jovem e deixar os ambientes de baile, em que qualquer novato o podia desencaminhar para os prazeres mundanos indecorosos.. A vida de solteiro e o estatuto social desconforme com a sua idade começaram a aborrecer o poeta desde aquele inverno. Se pusermos de lado o cinismo afetado do próprio Pushkin e fizermos um juízo sensato, devemos chegar à conclusão de que o poeta, no início de 1829, ficou seriamente apaixonado.<sup>32</sup>

Pushkin atraía e impressionava o auditório com a sua inteligência ativa e sutil e a sua perspicácia, possuía uma memória extraordinária, uma boa capacidade de análise e um gosto requintado e apurado. Quando falava da política externa ou nacional, infundia a sensação de estarmos perante uma pessoa bem orientada nos assuntos estatais que se dedica diariamente à leitura dos relatórios parlamentares. Conheci bastante bem esse poeta russo; achei que ele se deixava impressionar facilmente, era às vezes leviano, mas sempre sincero, magnânimo e capaz de desabafos cordiais. Os seus pequenos defeitos eram frutos das circunstâncias em que ele vivera: tudo o que nele havia de bom vinha-lhe do coração...<sup>33</sup>

Quando a vi pela primeira vez, na sociedade ainda mal começavam a reparar na sua beleza. Apaixonei-me, fiquei tonto, pedi-lhe a mão. A sua reação, muito indefinida, quase me fez endoidecer; naquela mesma noite fui para a tropa. Você pode-me perguntar: para que? Juro-lhe que não saberei responder; mas uma saudade inconsciente empurrava-me de Moscou: não poderia aguentar a presença da senhora e da sua filha.<sup>34</sup>

...Num impulso poético ele saiu rapidamente do Estado-Maior, montou o cavalo e, num ápice, colocou-se nas posições avançadas. O experiente major Semitcheve, enviado pelo general Raevski no encalço de Pushkin, alcançou-o muito a custo e obrigou-o à força a

---

<sup>32</sup> Palavras do Príncipe P.P. VIAZEMSKI.

<sup>33</sup> ADAM MICKIEWICZ. Informação Biográfica e Literária sobre Pushkin, 25 de maio de 1837.

<sup>34</sup> PUSHKIN a N.I.GONTCHAROVA (sua futura sogra), abril de 1830 (em francês).

sair da fileira avançada dos cossacos no momento em que ele, abraçado pela coragem típica dos recrutas, tomava a lança de um dos cossacos mortos e se atirava contra os cavaleiros inimigos. Acreditem-me que os nossos guerreiros do Don ficaram espantados ao ver o herói desconhecido de chapéu redondo e capa de feltro caucasiana. Foi a estreia e a última atuação do amante das musas no Cáucaso.<sup>35</sup>

... Uma noite - faltavam precisamente dois dias para o camento de Pushkin -, fui visitar Nachokin e Olga (a cigana que vivia com Nachokin). Quando nos cumprimentávamos, ouviu-se o barulho dum trenó a aproximar-se, era Pushkin. Mal me viu, gritou: "Ah, minha joia, estou feliz por ver-te! Viva, meu tesouro!"- beijou-me na bochecha e sentou-se no sofa. Esteve uns minutos pensativo apoiando a cabeça numa mão, depois fitou-me e disse: "Tania, canta-me algo que me faça feliz; ouviste dizer que me vou casar?"- "Claro que ouvi, Aleksandre Sergueievitch! - disse-lhe. - Que Deus o ajude!"- "Por isso, canta, canta!" - "Olga, anda, vai buscar a viola - pedi. - Cantemos algo para o senhor." Olga foi buscar a viola, enquanto eu tentava escolher a melhor canção para esta ocasião... Eu também estava triste naquele momento: tinha um amigo, mas a esposa dele levava-o consigo para a aldeia e eu tinha saudades. Pensando nisso, comecei a cantar para Pushkin, embora a canção não fosse muito adequada para o momento, dizem que dá azar:

*Aí, mãezinha, porque há tanta poeira no campo?  
Minha senhora, porque há tanta poeira?  
Os cavalos brincaram a valer.  
E de quem são esses cavalos?  
São os cavalos de Aleksandre Sergueevitch...*

Estou cantando e sinto que a minha voz transmite a minha tristeza... De repente Pushkin desatou a chorar. Ergui a cabeça e vi-o com a testa entre as mãos, chorava como uma criancinha... Pavel Voinovitch (Nachokin) correu para ele: "Que tens, que se passa

---

<sup>35</sup> N.I. UCHAKOV, História das Ações Bélicas na Turquia Asiática em 1828 e 1829.

contigo, Pushkin?” - “Nada! - exclamou o poeta - Esta canção desconçolou-me, soou-me muito agorenta!...” Não ficou muito tempo lá em casa, partiu sem se despedir.<sup>36</sup>

Durante o casamento, no altar do atril caíram a cruz e o Evangelho. Isto aconteceu quando os noivos contornavam o atril. Pushkin empalideceu. Depois, nas suas mãos apagou-se a vela. “Maus sinais” - disse Pushkin. A boda decorreu em casa de Khitrovo, onde punha e dispunha Lev Pushkin, o irmão do poeta.<sup>37</sup>

Estou casado e feliz. Só espero que nada se altere na minha vida: melhor não pode ser. Este estado é novo em mim, sinto-me a renascer.<sup>38</sup>

Ontem Pushkin organizou um baile esplêndido. Os hóspedes foram generosamente servidos. O casal anfitrião mostrou-se encantador, pareciam dois pombinhos. Oxalá sejam sempre assim. Dançou-se muito, eu também dancei a pedido da bela dona de casa que me convidou pessoalmente... O banquete foi excelente. Estranhei os dotes de bem-receber em Pushkin, outrora um boémio de tabernas. Despedimo-nos às três da manhã. Saimos para uma nevasca e o frio era de rachar.<sup>39</sup>

Levamos uma vida calma e alegre, como se estivéssemos nos confins do mundo; as notícias de sociedade mal chegam aqui.<sup>40</sup>

Chegou a corte. Tsarskoie Selo efervesceu, assumiu-se como capital.<sup>41</sup>

Certa vez, Pushkin declamava à minha mãe o poema que ela nessa mesma noite entregaria ao imperador, de súbito a esposa do poeta exclamou: “Meu Deus, já estou

---

<sup>36</sup> A cigana TANIA (TATIANA DEMIANOVNA).

<sup>37</sup> A princesa E. A. DOLGORUKOVA.

<sup>38</sup> PUSHKIN a PLETNIOV, Moscou, 24 de fevereiro de 1831.

<sup>39</sup> A. BULGAKOV a K. BULGAKOV, 28 de fevereiro de 1831.

<sup>40</sup> PUSHKIN a P.V. NACHOKIN, 11 de junho de 1831, Tsarskoie Selo.

<sup>41</sup> PUSHKIN a P.A. PLETNIOV, Tsarskoie Selo, julho de 1831.

farta dos teus versos, Pushkin!” Ele fingiu não ter compreendido e respondeu: “Desculpa, estes versos são novos, ainda não os li na tua presença”. - “Novos ou velhos, tanto faz. Já estou farta da tua poesia.” Pushkin, um tanto perturbado, disse à minha mãe que mordida os lábios por causa de tal ingerência: “Natalie ainda é uma criança. É sincera em demasia, como os são os meninos pequenos.”<sup>42</sup>

Quando Pushkin e a sua esposa moscovita vieram a Petersburgo, conheceram quase toda a nobreza (por intermédio da Zagriajskaia). A condessa Nesselrode, esposa dum ministro, certa vez, sem que Pushkin o soubesse, levou a esposa dele a um pequeno convívio da corte imperial; a imperatriz gostou da mulher do poeta. Mas Pushkin saiu fora de si, foi grosseiro com a condessa e entre outras coisas disse-lhe: “Não quero que a minha mulher visite lugares que eu próprio não costumo frequentar.”<sup>43</sup>

Deixei cair em tua casa uma pequena moeda de prata. Envia-ma, se a encontrares. Tu não é supersticioso, mas eu sou. Achei a minha mulher saudável, apesar da sua imprudência jovial. Frequenta bailes, galanteia com o imperador, salta das soleiras. Tenho que a por na linha. Ela está a bordar e manda-te saudações.<sup>44</sup>

Desde 1831, Pushkin entregou-se a uma grande obra que exigia um estudo aprofundado da matéria, muito trabalho preliminar e uma execução genial: começou a escrever a história da vida de Pedro, o Grande... Interessava-se sobretudo pelos estudos históricos. Todas as manhãs remexia em algum arquivo, aproveitando o regresso a casa para dar um passeio a pé, almoçava tarde. Até no verão, ia a pé da sua datcha para continuar o trabalho.<sup>45</sup>

---

<sup>42</sup> O.N. SMIRNOVA. *Memórias de A. O. Smirnova*.

<sup>43</sup> P.V. NACHOKIN, referenciado por BARTENEV.

<sup>44</sup> PUSHKIN a P.V. NACHOKIN, 8-10 de janeiro de 1832, Petersburgo.

<sup>45</sup> P.A. PLETNIOV. *Obras e correspondência*.

Quem quiser encontrar-se com Pushkin tem que o procurar nos bailes. Assim ele desperdiçará a sua vida, a não ser que algum incidente ou a necessidade o obrigue a ir para o campo.<sup>46</sup>

Se acaso já te observaste ao espelho e te ocorreu pensar que nada nesse mundo pode ser comparado com o teu rosto, fica ciente que eu amo a tua alma ainda mais do que o teu rosto. Adeus, meu anjo, beijinhos.<sup>47</sup>

Estou aqui desde o dia 5, em Kazan. Contatei com velhotes que conheceram o meu protagonista Pugatchov (Emelian Pugatchov, dirigente do levantamento camponês de 1733-75 (N. do E.), percorri os arredores da cidade, examinei os campos de batalha, fiz muitas perguntas, enchi a minha agenda com notas, em suma, estou muito satisfeito por haver visitado esta terra. Está um tempo ótimo, que o diabo seja surdo. Espero conseguir visitar tudo o que pretendia antes das chuvas e nos finais de setembro regressar à aldeia.<sup>48</sup>

Não sou ciumento e sei que tu nunca serias infiel; mas sabes bem que não gosto de tudo aquilo que cheira a costumes de dama moscovita de tudo o que não é *comme il faut*, de tudo o que é vulgar. Se quando voltar, não encontrar o teu gentil estilo aristocrático e singelo, juro por Deus que me separo de ti e, para sobreviver ao desgosto, alistar-me-ei no exército...<sup>49</sup>

Há três dias, em 1 de janeiro de 1834, fui promovido a *Kamer-junker* (embora este título já não se coadune com a minha idade). A corte gostaria muito que a minha Natalia dançasse nos bailes...<sup>50</sup>

---

<sup>46</sup> N.V. GOGOL a A.S. DANILEVSKI, 8 de fevereiro de 1833.

<sup>47</sup> PUSHKIN à sua esposa NATALIA, Pavlovskoie, 23 de agosto de 1833.

<sup>48</sup> PUSHKIN à sua esposa NATALIA, Kazan, 8 de setembro de 1833.

<sup>49</sup> PUSHKIN à sua esposa NATALIA, Boldino, 30 de outubro de 1833.

<sup>50</sup> PUSHKIN. *Diário*.



Fiz correr o rumor de que estou doente... Receio encontrar o czar. Durante as festas penso ficar em casa. Não tenciono felicitar o herdeiro do trono; o seu reinado demorará ainda a chegar e, pelos vistos, já não estarei neste mundo. Já vi três czares; o primeiro ordenou que me tirassem o boné e ralhou com a minha ama por minha causa; o segundo não gostava de mim, o atual, embora fizesse de mim pajem da corte quando eu já estava velho demais para isso, não é má pessoa, portanto, não o quero trocar por outro. Vejamos como o nosso Aleksandre se entenderá com o seu homónimo imperial; eu e o meu homónimo não nos davamos lá muito bem. Deus queira que o nosso filho não siga as minhas pegadas: escrever poemas e ter problemas com os czares...<sup>51</sup>

K.K. Danzas (companheiro liceal de Pushkin e padrinho do seu futuro duelo) travou conhecimento com Dantès em 1834, quando na companhia de Pushkin almoçava no restaurante de Dumet; Dantès sentou-se à mesa ao lado do poeta. Na opinião de Danzas, Dantès, esse homem alto e de feições agradáveis, não era nada tolo e, embora pouco instruído, possuía o dom inato de agradar a todos logo à primeira vista.<sup>52</sup>

Não se sabe por que razão o embaixador holandês Heeckeren perfilhou Dantès e fez dele o seu herdeiro (em maio ou julho de 1836).<sup>53</sup>

... O imperador não gostou de me ouvir falar do meu estatuto de *kamer-junker* sem comoção e agradecimento - ora, podem fazer de mim súdito ou até escravo, mas ninguém me obrigará a ser criado ou palhaço.<sup>54</sup>

Se realmente pretendes trazer para cá as tuas irmãs, teremos que deixar a casa de Olivier: o espaço será pouco. Queres mesmo trazer as duas?! Pensa melhor, mulher.... Acho que

---

<sup>51</sup> PUSHKIN à sua esposa NATALIA, 20-22 de abril de 1834.

<sup>52</sup> K.K. DANZAS, referenciado por A.A. AMMOSSOV. *Os Últimos Dias de Pushkin*.

<sup>53</sup> V.V. LENZ. *Aventuras de um Prussiano na Rússia*.

<sup>54</sup> PUSHKIN. *Diário*, 10 de maio de 1834.

cada família deve viver sob o seu teto. Assim evitam-se quaisquer quezílias, preservando-se a paz no lar.<sup>55</sup>

A doença da minha mãe fez-me regressar à cidade... A nossa família multiplica-se, cresce e o alarido em meu redor aumenta. Deixei de ter motivos para me queixar da vida ou ter medo da velhice. O solteirão aborre-se com a vida mundana: irrita-o a geração; só o pai de família pode observar sem inveja a juventude à sua volta. Daí o bem de nos termos casado.<sup>56</sup>

Um ano antes da sua morte, Pushkin disse a um dos seus amigos: “Acusam-me de ser inconsequente. É possível que assim seja; só os tolos nunca mudam.”<sup>57</sup>

Esbelto, ágil, alegre e engraçado, tagarela como todos os franceses, Dantès era sempre bem recebido em toda a parte. O próprio Pushkin gostou dele e este apelidou o poeta de “paxá de três estandartes”, depois de o ver num baile com a sua esposa e as duas cunhadas. Em breve, o francês ficou apaixonado pela Sra. Pushkin. Natalia, embora sensibilizada por essa nova adoração, continuava a amar o seu marido e ser muito ciumenta. Contudo, transpareceu a impressão de que ela se deleitava com o galanteio de Dantes devido ao seu coquetismo irrefletido. O marido apercebeu-se disso, e em casa tudou amainou; mas as damas durante os bailes esquecem-se facilmente das promessas feitas aos esposos, por isso Natalia Nikolaevna voltou a aceitar os convites de Dantès para danças delongadas, ora isso deixava o poeta mal-humorado.<sup>58</sup>

Apaixonada por Heeckeren (Dantès), Ekaterina, a irmã mais velha de Natalia Pushkin, alta e corpulenta, organizava os encontros entre Natalia e Heeckeren apenas na intenção de ver mais vezes o objeto da sua paixão secreta.<sup>59</sup>

---

<sup>55</sup> PUSHKIN à sua esposa NATALIA, Petersburgo, 14 de julho de 1834.

<sup>56</sup> PUSHKIN a P.V. NACHOKIN, Petersburgo, outubro de 1835.

<sup>57</sup> P.V. ANNENKOV. *Papéis de arquivo*.

<sup>58</sup> N.M. SMIRNOV. *Memórias*.

<sup>59</sup> Princesa V.F. VIAZEMSKAIA, referenciada por BARTENEV

Na manhã de 4 de novembro recebi três exemplares de uma carta anónima, ultrajante para a minha honra e para a honra da minha esposa. Pelo tipo de papel, pelo estilo deduzi tratar-se de um estrangeiro da alta sociedade, diplomata. Procedi a investigações. Soube que nesse mesmo dia sete ou oito pessoas receberam exemplares dessa carta em envelopes duplos e lacrados, endereçados à minha pessoa. A maioria dos amigos que receberam essas cartas, suspeitando tratar-se de uma vileza qualquer, não mas remeteram.<sup>60</sup>

Egrégios cavaleiros e comendadores da ilustre Ordem dos Cornudos, reunidos em assembleia sob a presidência do Grão-Mestre da Ordem, sua excelência o Doutor D.L. Narichkin, elegeram por unanimidade Aleksandre Pushkin para o cargo de coadjutor do Grão-Mestre e historiador da Ordem dos Cornudos.<sup>61</sup>

Pela semelhança da caligrafia, Pushkin suspeitou que o barão Heeckeren-pai tinha sido o autor desse “Diploma”...<sup>62</sup>

A conduta de Heeckeren merece ser devidamente condenada: ele procedeu como um vil canallha. Na ausência de Pushkin, servia de alcoviteiro a Dantès, convencendo a esposa do poeta a entregar-se a Dantès que, supostamente morria de amores por ela. Tudo isto se esclareceu quando Pushkin desafiou pela primeira vez Dantès para um duelo; inesperadamente Dantes pediu a mão da irmã da Sra. Pushkin, foi então que esta revelou ao marido o caráter indecoroso da conduta de Ekaterina e Dantès, estando ela própria completamente inocente.<sup>63</sup>

---

<sup>60</sup> PUSHKIN ao conde A.K. BENKENDORF, 21 de novembro de 1836.

<sup>61</sup> Conde LBORCH, secretário executivo. “Diploma” anónimo enviado a Pushkin no dia 4 de novembro de 1836.

<sup>62</sup> A.AMMOSSOV.

<sup>63</sup> Imperador NICOLAU I ao grão-príncipe MIKHAIL PAVLOVITCH, 3 de fevereiro de 1837.

O meu vizinho Pushkin é um homem cheio de ideias, encontramos-nos frequentemente e conversamos longas horas; muitos consideram que ele está bastante modificado; sempre preocupado e já não participa tanto nas conversas como dantes. Mas eu discordo dessa opinião, pois quando conversamos, esgotamos qualquer tema e em seguida passamos logo a um outro - a falar somos incansáveis. A sua esposa em casa é tão bela como nos bailes, usa uma capa preta nos ombros. O noivo da sua irmã (Dantès) está muito doente, nunca aparece em casa dos Pushkin.<sup>64</sup>

Quantas sombras se levantam à minha ilhargá e revolvem a minha memória!... Pushkin... Ei-lo com o seu alegre riso de criança, com a incessante variedade de expressões brilhantes e graciosas, e o seu folguedo... e depois, vejo surgir a imagem do poeta dilacerado, assassinado pela feroz leviandade dos estúpidos e entorpecidos sabichões palacianos que não chegaram a compreender a sua ternura e o orgulho da sua alma ardente.<sup>65</sup>

A 10 de janeiro, Dantès e Ekaterina Gontcharova casaram-se em duas igrejas (ortodoxa e católica) na presença de toda a família...<sup>66</sup>

Pushkin não compareceu ao casamento e não recebeu os noivos em sua casa. Qual a razão do matrimónio de Dantès com uma mulher que ele não amava? É difícil responder de forma inequívoca: pretenderia ele, à custa desse sacrifício, acalmar Pushkin e salvar a imagem social da mulher que amava ou, entorpecendo os ciúmes do marido, queria como cunhado adquirir salvo-conduto em casa de Natalia Nikolaevana; ou quiça, simplesmente teria ficado assustado com o duelo?<sup>67</sup>

Nos últimos meses da vida de Pushkin, tive o reiterado prazer de me encontrar com a sua esposa. Admirava e continuo a admirar essa mulher muito bondosa. Uma vez

---

<sup>64</sup> A.I. TURGUENEV a E.A. SVERBEEVA, 21 de dezembro de 1836.

<sup>65</sup> Condessa A.D. BLUDOVA, *Russki Arkhiv* (Arquivo Russo).

<sup>66</sup> Barão HEECKEREN- SENIOR ao barão WERSTOLK, 11 de fevereiro de 1837.

<sup>67</sup> N.M. SMIRNOV, *Russki arkhiv*.

conversamos, eu e ela, sobre as bisbilhotices que a sua beleza provocava em sociedade; aconselhei-a a ser mais prudente e a cuidar a sua reputação para o bem dela e para a felicidade do seu marido, pessoa bastante ciumenta. Ela, ao que parece, contou a nossa conversa ao marido, pois que teve ele a delicadeza de me agradecer os bons conselhos dados à esposa. “Acaso julgavas que eu poderia procer de outra maneira?” - perguntei. “Não só julgava - respondeu o poeta - como também, sendo franco, suspeitava da excessiva dedicação de Sua Alteza para com a minha esposa.” Isso foi a três dias do seu derradeiro duelo.<sup>68</sup>

Pushkin enviou ao barão Heeckeren, embaixador holandês, uma carta ultrajante, em sinal de réplicas às inúmeras cartas anónimas de caligrafia sempre diversa, mas em que se podia adivinhar um cunho pessoal constante a nível de conteúdo, o que por sua vez confirmava a existência de uma intriga maldosa.<sup>69</sup>

D'Archiac trouxe a resposta ao poeta. Pushkin não a leu, mas aceitou o desafio que lhe foi feito em nome do filho do diplomata.<sup>70</sup>

Eram cerca das quatro horas. Tendo bebido um copo de limonada ou água, Pushkin saiu com Danzas da confeitaria, sentaram-se num trenó e dirigiram-se para a ponte Troitski. Na marginal, junto ao palácio real, seguia o coche da Sra. Pushkin. Danzas reconheceu-a, os seus olhos brilharam de esperança, este encontro ainda poderia solucionar a questão. Mas a mulher do poeta era míope e Pushkin estava a olhar para o outro lado...<sup>71</sup>

No dia do duelo os amigos dos duelistas levaram-nos a passear pelo lugares de afluxo da gente fina, deixavam cair propositadamente as pistolas, na vã esperança de uma possível intromissão favorável por parte das pessoas de bem.<sup>72</sup>

---

<sup>68</sup> Imperador NICOLAU I, referenciado pelo barão M.A. KORF.

<sup>69</sup> LOUIS METMANN, G.CH. Dantès. *Ensaio biográfico*.

<sup>70</sup> Príncipe P.A. VIAZEMSKI ao grão-príncipe MIKHAIL PAVLOVITICH.

<sup>71</sup> A.AMMOSSOV.

<sup>72</sup> P.V. ANNENKOV. *Papéis de arquivo*.

Embora o dia fosse límpido, soprava um vento bastante forte. O frio era de uns 15 graus negativos. Agasalhado num casaco de pele de urso, Pushkin ia silencioso e calmo durante a viagem, mas na sua conduta entrevia-se a ansiedade de começar o duelo o mais depressa possível. Quando Danzas lhe perguntou se achava conveniente o lugar escolhido pelos padrinhos, Pushkin respondeu: “Estou de acordo, só lhes peço que comecem o mais depressa possível.” Danzas e d’Archiac contaram os passos, marcaram a barreira com os capotes e começaram a carregar as pistolas. Durante os preparativos a impaciência de Pushkin manifestou-se nas palavras que dirigiu ao seu padrinho: - “Então? Demora muito?” Estava tudo pronto. Entregaram as pistolas aos adversários e, a um sinal dado por Danzas com o seu chapéu, eles começaram a aproximar-se. Pushkin foi o primeiro a avizinhar-se da barreira. Parou e começou a fazer pontaria. Entretanto, Dantes disparara encontrando-se a um passo da sua barreira; Pushkin ao cair, disse: “Parece que tenho a coxa partida.”<sup>73</sup>

Reclinado, de joelhos, Pushkin apontou a arma contra Dantès durante dois minutos e foi tão certo que Dantès teria certamente morrido, se não tivesse o braço levantado: a bala vazou-lhe o braço e fez ricochete num botão metálico da farda e mesmo assim quebrou-lhe duas costelas.<sup>74</sup>

Mal Pushkin recobrou os sentidos, perguntou a d’Archiac: - “Matei-o?” - “Não - foi a resposta. - Você feriu-o” - “É esquisito! - disse Pushkin, - Eu jugava que seria um prazer matá-lo, mas agora sinto que não é assim... Aliás, tanto faz. Quando melhorarmos, continuaremos.”<sup>75</sup>

---

<sup>73</sup> A.AMMOSSOV.

<sup>74</sup> A.A. CHERBININ, *Memórias inéditas*.

<sup>75</sup> Príncipe P.A. VIAZEMSKI ao grão-príncipe MIKHAIL PAVLOVITCH.

D'Archiac qualificou o comportamento de Pushkin no campo (na neve) de combate como perfeito. Mas a alusão que o poeta fizera à repetição do duelo desencorajou-o da ideia de reconciliar os adversários.<sup>76</sup>

Danzas e d'Archiac chamaram os cocheiros e com a sua ajuda desmontaram uma cerca de varas finas para facilitar o acesso do trenó que devia recolher o poeta ferido. Tendo-o cuidadosamente acomodado no trenó, Danzas ordenou ao cocheiro que fosse devagar, os dois padrinhos ia a pé ao lado do trenó; Dantès, também ferido, seguia-os no seu trenó.<sup>77</sup>

... A ideia de que a sua ferida pudesse alarmar a esposa preocupava Pushkin na viagem de regresso. Ele dava conselhos a Danzas sobre como proceder de maneira a que tal não acontecesse.<sup>78</sup>

Regressaram a casa por volta das seis horas. O criado subiu as escadas com Pushkin ao colo. "É triste transportar-me assim, não é?" - perguntou-lhe Pushkin. Quando a pobre esposa o viu a entrar na sala, caiu desmaiada. Levaram-no para o gabinete; o poeta pediu que lhe dessem a roupa lavada, depois despiu-se e deitou-se no sofá. A esposa, mal recuperou os sentidos, quis entrar, mas ele gritou: "Não entra!", porque receava mostrar-lhe a ferida, sentindo que esta era bastante grave. A Sra. Pushkin entrou no gabinete quando ele já estava depido.<sup>79</sup>

Depois de examinar a ferida, Sadler aplicou-lhe uma compressa. Danzas presenciava às operações e quis saber quão grave era o ferimento. "Por enquanto não se pode dizer nada"- respondeu Sadler. Entretanto, chegou Arendt que também examinou o ferido. Pushkin pediu a este que o infomasse sem evasivas sobre o seu estado de saúde e acrescentou que queria saber ao certo a sua situação para ter tempo de dar algumas instruções necessárias. - "Pois, se assim é...- respondeu-lhe o médico -, devo-lhe dizer

---

<sup>76</sup> A.I. TURGUENEV. *Do diário*, 30 de janeiro de 1837.

<sup>77</sup> A. AMMOSSOV.

<sup>78</sup> A. AMMOSSOV.

<sup>79</sup> V.A. JUKOVSKI a S.L. PUSHKIN

que a ferida é bastante grave e é pouco provável que você possa recuperar.” Pushkin agradeceu a Arendt pela sinceridade e pediu-lhe que não dissesse nada à sua esposa.<sup>80</sup>

Antes de se despedir, Arendt advertiu Pushkin que o seu dever de médico o obrigava a informar o imperador sobre o sucedido. Pushkin não se opôs, mas incumbiu Arendt de, em seu nome, pedir ao czar para não castigar o seu padrinho de duelo. Antes de sair, Arendt disse a Danzas, que descera à antessala para o acompanhar: - “A coisa está mesmo feia, ele vai morrer.”<sup>81</sup>

Danzas disse-lhe que estava disposto a vingá-lo, desafiando o homem que lhe havia assertado o golpe. “Não, não! - respondeu Pushkin - Quero que haja paz.”<sup>82</sup>

Ao meio-dia (do dia 28) Pushkin sentiu-se melhor, o seu estado de espírito era bem e estava alegre. Por volta de uma hora da tarde chegou o doutor Dahl. Pushkin convidou-o a entrar e depois de o cumprimentar disse: - “É um grande prazer ver em si não só o médico, como também o colega de letras.” Gracejava, enquanto falava com Dahl.<sup>83</sup>

Pushkin, moribundo, pediu à princesa Dolgorukova que fosse a casa de Dantès e lhe dissesse que estava perdoado. “Eu também lhe perdo!” - respondeu o patife com um riso descarado.<sup>84</sup>

Arendt, que no exercício das suas funções já havia assistido a muitas mortes, tanto nos campos de baltalha como nos bancos de hospitais, com lágrimas nos olhos afastou-se do leito do ferido e disse que nunca vira tanta virilidade perante um sofrimento tão incisivo. Arendt repetiu várias expressões belas e esplendidas de consolação sobre esta aventura

---

<sup>80</sup> A.AMMOSSOV.

<sup>81</sup> A. AMMOSSOV.

<sup>82</sup> E.A. KARAMZINA, referenciada por A.N. VENEVITINOVA em carta a S.L. PUSHKIN, pai do poeta.

<sup>83</sup> A.AMMOSSOV.

<sup>84</sup> Princesa E.A. DOLGORUKOVA, referenciada por F.G. TOL.



infeliz: - “É pena que Pushkin não tivesse sido morto no lugar do duelo, porque os seus sofrimentos são terríveis; mas para a honra da sua esposa é uma felicidade o fato de ele ainda estar vivo, pois ao vê-lo ninguém dúvida da sua inocência e do amor que Pushkin nutre por ela.” Estas palavras, proferidas por Arendt, pessoa que nunca mantivera contatos pessoais com Pushkin e apenas cumpria as suas obrigações profissionais, são extraordinariamente expressivas. É preciso conhecer Arendt, a sua imunidade e indeferência em tais situações, para compreender toda a força das suas impressões. Pelo visto, este caso foi tão convincente, tão impressionante e verídico que despertou a sua atenção e os seus sentimentos.<sup>85</sup>

Pushkin fez com que todos os presente se conformassem com a ideia da morte, tão imperturbável se revelou enquanto esperava a sua hora fatal. Pletnirov disse: “Ao olhar para Pushkin, deixei de temer a morte.” Pushkin recusava decididamente a nossa consolação e quando eu lhe disse: “nós ainda não perdemos as esperanças, não desesperes também”, o poeta respondeu: - “Não! A minha vida está a terminar, Vou morrer... pelo visto, assim tem que ser!” Na noite de 28 de janeiro, ele fazia repetidas vezes afirmações deste gênero, perguntava constantemente “que horas são?” e, ouvindo a minha resposta, dizia com voz entrecortada: - “Terei ainda que sofrer muito? Por favor, que seja mais depressa!” Durante a noite ele segurou a minha mãe, pediu-me várias vezes água ou gelo, mas conseguia desenrascar-se sozinho; pegava no copo da prateria, esfregava as têmporas com gelo, colocava compressas de água quente na barriga e retirava-as, exclamando: “Agora sinto-me melhor, muito melhor!” Ele sofria não propriamente de dor, mas, segundo as suas próprias palavras, de tristeza desmedida. - “Ah, que tristeza! - exclamava ele de vez em quando, colocando as mãos atrás da cabeça. - Um peso enorme oprime-me o coração!”<sup>86</sup>

Durante essas terríveis mortificações físicas (que comoveram o próprio Arendt, habituado a tragédias deste tipo) Pushkin pensava apenas na sua esposa e no que ela

---

<sup>85</sup> Príncipe P.A. VIAZEMSKI ao D.V. DAVIDOV, 5 de fevereiro de 1837.

<sup>86</sup> V.I. DAHL.

devia sofrer por sua culpa. Em cada trégua entre as investidas da dor torturante, ele chamava-a, tentava acalmá-la, repetia que não a considerava culpada da sua morte e asseverava-lhe que nem por um instante a privara da sua confiança e amor.<sup>87</sup>

Despedindo-se da esposa, Pushkin disse-lhe: “Vai para a aldeia, usa o luto durante dois anos, depois casa-te, mas com um homem decente.”<sup>88</sup>

Aproximei-me de V.A. Jukovski e dos príncipes Viazemski e Vielgorski e disse-lhes: “Esvai-se!” O foco de vida da sua alma ainda conservava algumas forças, de vez em quando o desfalecimento sonolento enevoava por instantes os seus pensamentos. Então, o moribundo estendia-me a mão, apertava a minha e dizia: - “Anda... levanta-me, vamos... mais ainda, sobe mais vamos!” Voltando a si, Pushkin disse-me: - “Apareceu-me em devaneio que nós estávamos a subir por essas estantes e livros, tão alto! Fiquei tonto...”<sup>89</sup>

A cinco minutos do momento derradeiro, Pushkin pediu que o acomodassem sobre o lado direito. Dahl, Danzas e eu cumpríamos a sua vontade: virámo-lo ligeiramente e aconchegamos-lhe uma almofada. - “Bom! - disse ele e, uns segundos passados, balbuciou: - A minha vida findou!” - “Já esta!” - disse o doutor Dahl -, acomodámo-te como pediste. - “A vida findou - murmurou Pushkin.” Uns instantes depois, Pushkin disse: “Falta-me o ar” Foram as suas últimas palavras. Deitado sobre o lado direito, sem mudar de posição, ele falecia em silêncio.<sup>90</sup>

Depois da morte do marido, a Sra. Pushkin sofreu de convulsões durante vários dias, a sua dentadura, outrora perfeita e encantadora, ficou desengonçada.<sup>91</sup>

---

<sup>87</sup> Princesa E.N. MECHERSKAIA-KARAMZINA.

<sup>88</sup> Princesa V.F. VIAZEMSKAIA, referenciada pro P.I. BARTENEV.

<sup>89</sup> V.I. DAHL.

<sup>90</sup> I.T. SPASSKI. *Chegolev*.

<sup>91</sup> Princesa E.A. DOLGORUKOVA, referenciada por F.G. TOL.

A morte de Pushkin revelou tudo quanto de bom e belo havia no seu caráter. Ela iluminou devidamente toda a sua vida: o confuso e o tempestuoso, o doentio, tudo o que se manifestara particularmente nos primeiros anos da sua juventude, sendo resultado da fraqueza humana, das circunstâncias e dos contatos com os homens e a sociedade. Pushkin, em vida, nem sequer pelos amigos foi compreendido. Confesso-o e peço perdão à sua memória, porque não o julgava capaz de tantos feitos honrosos. Quanta generosidade, força e abnegação havia na sua alma martirizada! Os sentimentos que nutria pela sua esposa denotavam uma ternura sublime, Nem uma palavra amarga, num um lamento insinuoso, nem sequer uma alusão sarcástica ao incidente fatal; ele não disse nada a não ser palavras de paz e perdão ao seu inimigo...<sup>92</sup>

A simpatia do povo para com o seu poeta manifestou-se no fato de, diariamente, 32.000 pessoas comparecerem às exéquias de Pushkin.<sup>93</sup>

Nos dias subsequente à morte de Pushkin a imprensa nacional parece que perdeu o dom da palavra: tão rigoroso era o controle sobre a imprensa efetuado pelo conde A.H. Benkendorf, o voluntarioso tutor do grande poeta. A censura tremia perante o chefe dos gendarmes. Para evitar o seu descontentamento cortavam todas as publicações em que se exprimiam sentimentos de compaixão em relação a Pushkin. Só Andrei Kraevskim o redator do Suplemento Literário do "Russki Invalid", publicou palavras de simpatia e compaixão, profundamente comovedoras. Reproduzimo-las a seguir (Suplemento Literário, n. 5, 1837): *"Desapareceu o Sol da nossa poesia! Pushkin faleceu na flor na idade, a meio da sua gloriosa via!... Não temos forças para falar sobre isso, e nem vale a pena fazê-lo; qualquer coração russo sabe o valor inestimável dessa perda irrecuperável e sofre profundamente. Pushkin! O nosso poeta! A nossa alegria, a glória do nosso povo!... Será que Pushkin já não está entre nós? É difícil acostuarmos-nos a essa ideia!"* 29 de janeiro, 14 horas e 45 minutos. P.A. EFREMOV Russkaia Starina.

---

<sup>92</sup> Príncipe P.A. VIAZAMSKI ao grão-príncipe MIKHAIL PAVLOVTCH, 14 de fevereiro de 1837.

<sup>93</sup> I.N. NEVEROV a T.N. GRANOVSKI.

## Conclusão

Como explicar o interesse que recai, hoje, sobre Pushkin? Até porque se trata, mais, de um interesse de massas, social, do que de um interesse científico, puramente filológico. Claro que é impossível dar uma resposta linear a esta questão. De entre a infinidade de motivos explicativos destacamos, no entanto, um que, ao meu ver, parece curial. Reside, parece-me, nas tentativas hoje em dia muito intensamente empreendidas tanto pela consciência coletiva como pela consciência individual no sentido de encontrar na cultura do passado o substrato espiritual intangível, os autênticos valores morais, que possam contrabalançar as tristes consequências da própria essência da vida da humanidade dos fins do século XX, cheia de cataclismos mundiais e de catástrofes irreversíveis. Pois bem, por mais estranho que pareça, é o nome de Pushkin que aparece em primeiro plano na procura do substrato espiritual - na cultura, na literatura do passado. Nem Tolstoi, nem Dostoiévski, nem Tchekhov, mas precisamente Pushkin! O seu génio, temos disso a intuição, possuía justamente essa ciência "secreta" de que tanta necessidade temos nos dias que correm hoje. Há 150 anos que a fama de artista integral acompanha Pushkin. É o único escritor russo acerca do qual quase todos os grandes representantes da literatura russa, por mais diferentes que tenham sido, foram unânimes nos seus juízos quanto a este ponto. Pushkin é, neste sentido, um fenómeno verdadeiramente único!

**Nikolai Gogol** disse: "O nome de Pushkin evoca de imediato no pensamento o poeta nacional russo. Com efeito, nenhum dos nossos poetas lhe é superior e já não pode doravante dizer-se nacional; esse é um direito que só a ele pertence. Concentrava nele toda a riqueza lexical da nossa língua, a sua força e a sua maleabilidade. Mais do que ninguém ele soube levá-la aos últimos limites e revelar-lhe a extensão. Pushkin é um fenómeno prodigioso, é, talvez, a emanação única do espírito russo; é o homem russo no seu crescer, tal como irá provavelmente ser dentro de 200 anos. A natureza russa, a alma russa, a língua russa, o carácter russo, refletiram-se nele com tanta pureza, tanta depurada beleza, como uma paisagem na superfície convexa de uma lente ótica.

**Ivan Gontcharov** disse: “Pushkin é colossal, fecundo, forte, rico. É para a arte russa o que Lomonossov é para a instrução russa em geral. Pushkin ocupou toda uma época e criou uma outra, deu origem a escolas artísticas...”

**Ivan Turguenev** disse: “... Teve de levar a cabo, sozinho, duas tarefas que, nos outros países, são separadas por séculos: a formação da língua e a criação da literatura.... Pushkin legou-nos nas suas obras uma infinidade de modelos, de tipos (este mais um sinal indubitável do seu genial talento!) - tipos daquilo que mais tarde se realizou na nossa língua literária”.

**Fiodor Dostoievski**: “Pushkin é um fenómeno prodigioso, é talvez a emanação única do espírito russo - disse Gogol. - Acrescentarei: e profético. Sim, há no seu aparecimento, para todos nós, russos algo de inscontestavelmente profético. Pushkin chega justamente num momento em que todos começamos tomar corretamente consciência de nós próprios, faculdade que apenas se enceta e germina na nossa sociedade, todo um século depois da reforma de Pedro; e o seu aparecimento contribui fortemente para iluminar com uma nova luz a guiar-nos o sombrio caminho. Neste sentido, Pushkin é profeta e anunciador...”

Pushkin abriu uma nova via à literatura russa. A via que a conduz aos cumes da cultura mundial e determinou no seio desta o lugar independente, original, que lhe compete. Pode dizer-se, por metáfora, que a arte de Pushkin é o grão vivificante de onde saiu a poderosa árvore da cultura literária russa. Pode ver-se no génio universal de Pushkin - como numa gota de água todo o oceano - tudo o que a literatura clássica russa em seguida nos revelou. Pushkin é dela o princípio, a antecipação e, simultaneamente, padrão de medida, o ideal inabalável. É a fonte dessa cultura.

Claro que o próprio Pushkin, ao enveredar no início do século pela carreira que lhe estava predestinada, tinha perfeita consciência das grandiosas tarefas históricas que à literatura russa incumbiam. Tinha igualmente consciência do cumprimento da sua alta missão. No fundo, sua obra forneceu modelos artísticos - em quase todos os gêneros

literários - para as futuras letras russas. Pushkin foi um grande reformador dos gêneros tradicionais da poesia lírica. Fez trabalho de pioneiro na história da nossa literatura ao criar o gênero do poema romântico (*O Prisioneiro do Cáucaso*). *O Cavaleiro de Bronze* e *Poltava* são modelos de poemas realistas de um profundo civismo e de um sentimento sociofilosófico elevado. Criou um romance único no gênero em verso (*Eugenio Oneguín*), descrevendo a realidade russo no seu movimento. As suas obras dramáticas (*Boris Godunov*, *As pequenas Tragédias*) constituíram uma renovação radical dos gêneros cênicos. Pushkin foi também renovador da prosa russa (*As Narrativas de Bielkin*, *A Dama de Espadas*, *A Filha do Capitão*). Mas o que conta, bem entendido, não é apenas a diversidade dos gêneros das obras de Pushkin nem a extensão do campo artístico que ele trabalhou (se bem que seja de uma amplitude verdadeiramente espantosa!), mas a profundidade, em si, desse trabalho. O seu gênio soube formular e colocar em toda a sua acuidade a literatura russa os problemas que iriam tornar-se os mais complexos e “dolorosos”, aqueles que ela teria de resolver. O sentido da existência humana, os valores autênticos e fictícios, o bem e o mal, a beleza e a fealdade, o crime e o castigo - são questões ditas “eternas” que já Pushkin tinha tratado. Mas fê-lo de maneira tão delicada, tão natural, que não compreendemos de imediato que era disso que se tratava, que não encontramos logo as respostas. Foi preciso esperarmos pela chegada de Raskolnikov (*Crime e Castigo*) em Dostoiévski para que Hermann, herói da *Dama de espadas*, nos desvendasse inteira e claramente o seu rosto. Foi preciso encontrar-nos com Maxime Maximovitch (*Um Herói do Nosso Tempo*, Lermantov) e Tuchine (*Guerra e Paz*, Tolstoi) para plenamente apreciarmos o significado moral de Griniev, herói de *A Filha do Capitão*. E antes de compreendemos toda a grandeza de Tatiana Larina (*Eugenio Oneguín*) foi preciso que nos deixássemos encantar pelas “moças” de Turgueniev, que nos apaixonássemos por Natacha Rostova, heroína tolstoiana.

As questões de Pushkin não destroçavam o mundo, não o faziam explodir a partir do interior, como era o caso de Dostoiévski, por exemplo. O mundo conservava-se, apesar de tudo, harmonioso, natural e coerente, mantinha a sua perfeição original, a sua sábia simplicidade. O mundo, o mundo de Pushkin, continuava piedosamente a conservar o

ideal. A sabedoria de Pushkin, homem e artista, a sua visão simples e natural do mundo, o vasto interesse que tem para ele a vida, a sua sedutora bonomia, a sua humanidade, a sua espantosa bondade de alma e a sua generosidade - todas estas características essenciais, orgânicas, do seu universos artístico, da sua percepção da vida, vão adquirindo com o correr dos anos cada vez mais valor. O mundo de Pushkin, mundo vivo da realidade, é prenhe de questões, de dramatismo e de contradições. Mas existe neste mundo um princípio benévolo, uma luz pura e quente, que dão um elevado sentido à nossa existência e a tornam necessária. Nenhuma das obras de Pushkin, a sua poesia, a sua prosa, é elitista. Os seus escritos são dirigidos a cada um de nós, falam de nós. Pushkin pinta a época de todos nós em forma artística e o que nela o atrai são os princípios naturais e orgânicos, é a norma

Tentemos ser, em certa medida, testemunhas desse processo: essa possibilidade é-nos oferecida pelos manuscritos de Pushkin - documento criador único, delineando o caminho que irá finalmente conduzir o poeta aos cumes da perfeição artística. Caminho que, ao invés da simplicidade, se torna por vezes dramaticamente complicado. Primeiro porque a criação era em si, para Pushkin, um processo profundo e intenso de conhecimento de si e do mundo, de procura de "pontos de apoio". Pushkin pensava de "pena na mão". É precisamente esse traço da sua maneira criadora e que os seus manuscritos claramente refletem, que os torna tão interessantes para nós. Tomemos, por exemplo, *Elegia*, uma das suas poesias filosóficas. A análise dos rascunhos mostra-nos com que dificuldades o poeta encontrava, lutando contra si próprio, os valores espirituais que eram o suporte da sua existência, os critérios morais que determinavam a sua relação com a vida, com a sua própria experiência moral:

*Triste é o meu caminho. Só trabalhos e penas auguro  
Do mar agitado do futuro.*

Estes versos exprimem a total desilusão de um homem que toma consciência do seu presente e tragicamente pressente o seu futuro. Não obstante, logo a seguir a estes versos, lê-se: "Mas não quero, ó amigos, morrer...." O que é que justifica esta exclamação? aonde vê o poeta o sentido e o valor da sua vida futura?

*Quero viver para pensar e sonhar.*

No contexto da poesia o verbo “sonhar” significa criar, ocupar-se da atividade criadora. Os verbos “pensar” e “sonhar” não estão justapostos por acaso. Trata-se da ocupação essencial e favorita do poeta, do seu dom e da sua vocação. É muito natural e compreensível o seu desejo de viver para criar, pressentindo nisso o principal valor vital. A lição moral que Pushkin vai buscar ao seu passado o conduz na realidade a amargas conclusões. Aliás, é esse o sentimento com que ele começa a sua poesia:

*Os já extintos prazeres dos meus anos loucos  
Deixam-me, das turvas manhãs, um peso na cabeça  
Mas, na minha alma, a tristeza dos dias passados  
Torna-se, como o vinho, ainda mais forte com a idade.*

Só a criação proporciona verdadeiras alegrias, verdadeiros prazeres. Mas esta resposta restringe, de certo modo, a própria formulação da questão: com efeito, trata-se na poesia do sentido da vida futura. Não haverá nesta resposta resquícios das ilusões que inebriam a imaginação sem darem a possibilidade de se conhecer a fundo a verdade? A criação não é ainda a totalidade da vida. Da vida só se capta a plenitude e o real valor quando a aceitamos em toda a sua globalidade, experimentando tudo, mesmo que o que há de mais torturante e duro. E agora, vejamos o que aparece no manuscrito:

*Quero viver para pensar e sofrer.*

Pushkin-homem averba um triunfo sobre Pushkin-poeta, preenchendo a palavra “poeta” de um novo conteúdo espiritual, verdadeiramente humano. É talvez esse traço do seu génio - a verdadeira humanidade - que tanto nos atrai hoje para a sua poesia e para a sua personalidade, pois sempre no aniversário de nascimento de Pushkin acontece uma festa



popular improvisada junto ao seu monumento em Moscou, onde pedestal desaparece tapado pelas flores, durante horas são declamados versos.

Após a instauração do Poder Soviético, as obras de Pushkin foram editadas 3078 vezes com uma tiragem global de mais de 357 milhões de exemplares, em 104 línguas dos povos da URSS e de outros países. Em 1985 as edições "Khudojestvennaia Literatura" empreendeu a publicação das obras de Pushkin em três volumes. Foi lançada uma subscrição para determinar a futura tiragem. Cerca de 11 milhões de pessoas manifestaram o desejo de adquirirem a edição.